

ORGANIZADORES

ADAILSON COSTA

LIU MOREIRA



GRACA VELOSO

Universidade de Brasília
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - CEN/IDA

CARTAS DE MINH'ALMA

**Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa
dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira**



UnB

Brasília-DF

2025

© 2025 Jorge Das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Licença creative commons:



1ª edição

Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Complexo das Artes, Bloco A Sala A1

CEP: 70.910-900, Asa Norte, Brasília-DF, Brasil Contato: (61) 3107-6134

Site: www.ppgcen.unb.br

E-mail: secretariapgcen@unb.br

FICHA TÉCNICA

Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Revisão: Christina Velho

Projeto Gráfico e Diagramação: Djanine Denise de Miguel Silva

Editora: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Bordados e capa: Maria Oliveira Villar de Queiroz

Fotografias: Pardal

Finalização de capa: Djanine Denise de Miguel Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C322 Cartas de minh'alma [recurso eletrônico] /
 organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson
 Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira
 Siqueira. – Brasília : Universidade de Brasília,
 Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas,
 2025.
 177 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-88507-12-4.

1. Artes cênicas. 2. Cartas. I. Veloso, Jorge
das Graças (org.). II. Santos, Adailson Costa dos
(org.). III. Siqueira, Liubliana Silva Moreira
(org.).

CDU 792

memória afeto escuta diferença foco persistência
planetária cura
chegada despedida pertencer acalma
tralidade amor espaço tempo escreve
artista
teatro
memória
ngição p
nto chega
estralidade amor
artista
teatro
memória afeto escuta diferença
planetária cura pers
ngição despedida pertencer
tempo

CARTAS DE MINH' ALMA

AMIGA LEITORA E AMIGO LEITOR

Gostaria de te convidar para um passeio. Um caminho que te levará para lugares bem pessoais de cada um dos autores deste livro. Nossa intenção aqui nunca foi fundar conceitos, problematizar teorias e inventar tratados. É tudo muito mais simples e acolhedor, como uma conversa entre amigos no fim da tarde com uma xícara de café. Aqui queremos dizer quem somos. Aqui você verá cicatrizes, feridas abertas, sucessos, dúvidas, angústias, incertezas. Aqui você entenderá nossos dois principais propósitos. O primeiro é aceitar como é delicado e gentil o exercício de se perceber no passado e compreender como sua pesquisa foi se desenvolvendo. Isso nos ajuda a respeitar nossos processos e sermos gentis com nossos avanços que muitas vezes não enxergamos. O segundo propósito é postular a respeito da importância de nos colocarmos enquanto potências afetivas em nossos trabalhos. Somos seres pensantes, mas somos também seres moventes, sofrentes, delirantes e delicados. Um salve à magia de reconhecer que estamos inteiros presentes em nossas pesquisas, no mais íntimo do que somos.

Então pegue algo para beber e sente-se com cada um de nós para conversar.

Um abraço.

Graça Veloso
Adailson Costa
Liubliana Moreira

SUMÁRIO

GRACA
VELOSO

8

ADAILSON
COSTA

20

LIUBLIANA
MOREIRA

34

52

ADA
LUANA

ADRIANA
LODI

64

76

BARBARA
BENATTI

DANILO
MOTA
LINO NILO

102

BELISTER
ROCHA

88

GABRIEL
GOELHO

130

DEBÓRA
VIEIRA

118

KLEBER
BUENO

142

LUCIANA
GRESTA

154

MARIA
VILLAR

168

*“Envergonhado,
escondido, chorei...”*

Graça

*“Você tem minha
admiração sabia?”*

Adailson

*“Na incerteza crie!
‘Pausa’”*

Liu

REALMAR E CELEBRAR. DE REALMANS E PER.
TENCER SENTIMENTOS DE PERSISTENCIA.

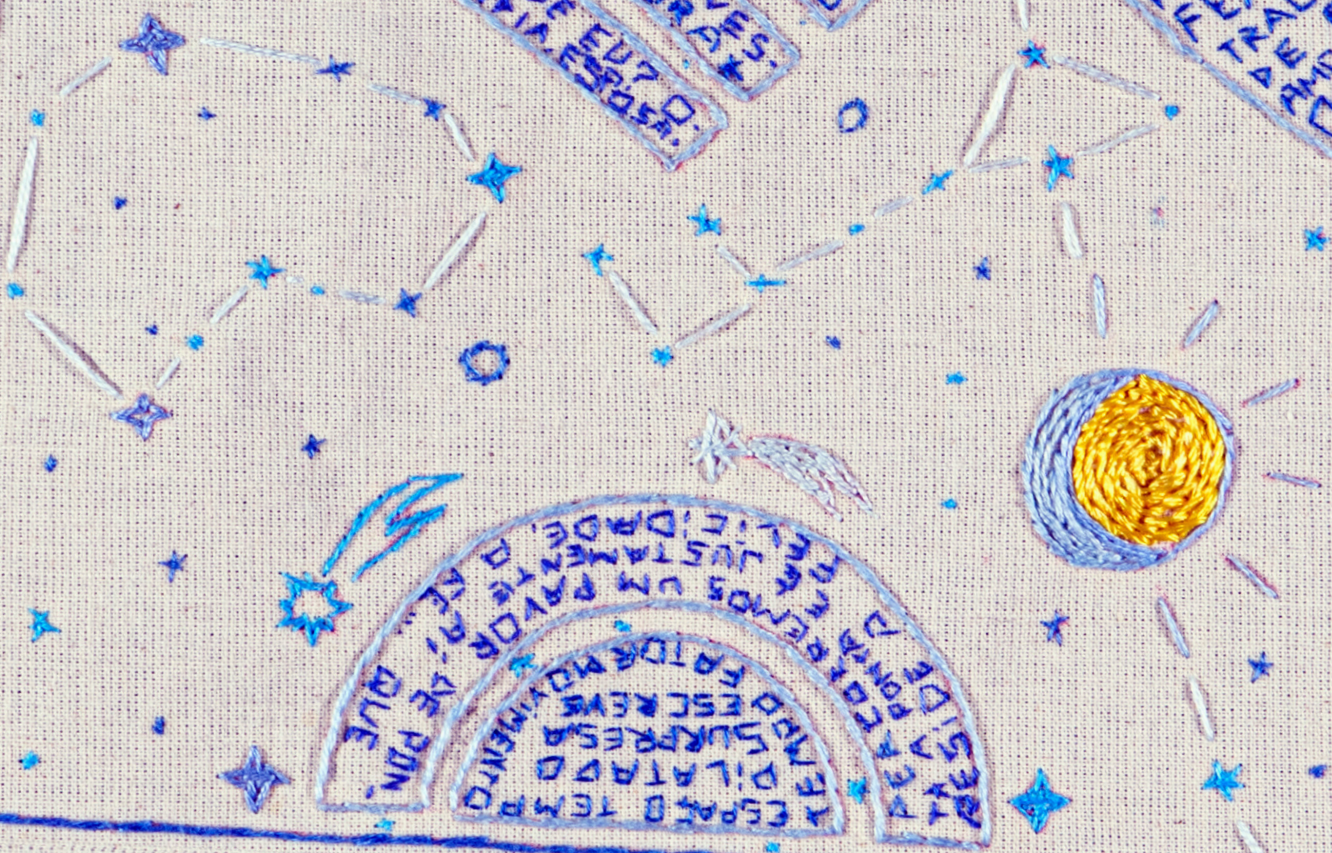
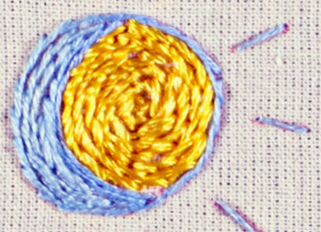
UMA D SODON SWID DE BISMANS SUD
TIBU D SOADN SWID DE BISMANS SUD
DADA WID WU SWID DE BISMANS SUD

TRANSICAO PLANETAR. A TRAVES.
SIA, PROPOSITO MAIOR E CURA.

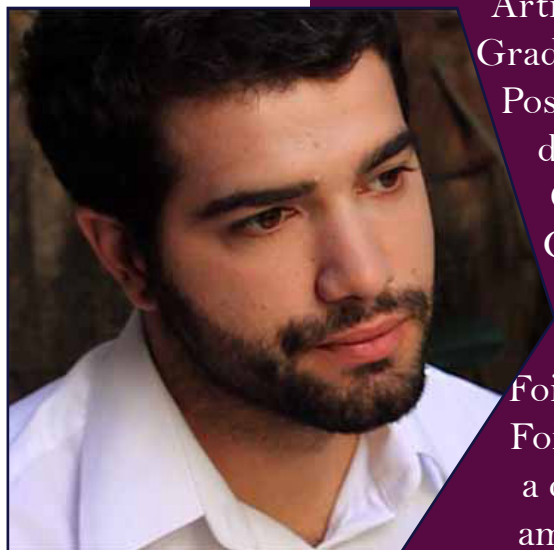
E A ISSO SE CHAMA DE EU? O.
MEU CORPO DE MAE. INIA. ESCOLA.

AFETO E ESCUTA
INDISCIPLINA E PERU.
MUDANCA VON ECOLA
TRABALHO ANCELA
TAR

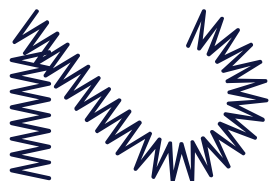
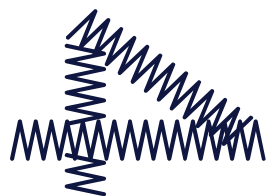
ESTRELA FORNHA PARA JUSTAMENTE DRADE.
ESPALDAMENTO
DILATADO
ESCREVA
FORNHA PARA JUSTAMENTE DRADE.
DE PON.



KLEBER DAMASO BUENO



Artista e Pesquisador. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Possui graduação em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (2012). Professor efetivo da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás nos cursos de Teatro, Direção de Arte, Música e Dança. Foi diretor do Centro Cultural UFG entre 2016 e 2019. Foi coordenador do curso de Artes Cênicas, modalidade a distância entre 2013 e 2016. Tem experiência na área ampliada de Artes e atua especificamente nos seguintes campos de conhecimento: artes do corpo; performance, história do corpo e da imagem; educação dos sentidos; ecosofia; arte, natureza e tecnologia; vídeo sinestésias; dramaturgias do corpo e do movimento. Desde 2010 é coordenador artístico do programa de residências transtéticas - Conexão Samambaia, projeto de pesquisa, cultura e extensão que num primeiro formato se dedicava a promover encontros e abrigar artistas em deslocamento enquanto agentes de transformação dos modos de pensar e fazer arte, para então se metamorfosear num propositos de descaminhos ou desbravador de caminhos de se perder. A partir de 2014 se aventura em exercícios curatoriais enquanto diretor artístico do projeto Manga de Vento - Mostra Expandida de Dança, no esforço de alavancar um circuito de difusão que se apresente sensível e atento aos fluxos de expansão e oxigenação dos contornos das artes do corpo e do movimento.



CARTA QUASE ANÔNIMA

nota introdutória

a escrita do presente relato coincide com o exato momento onde alcanço a primeira percepção monadológica do conjunto de estudos, exercícios, leituras, escritas e práticas de pesquisa, dedicados especialmente neste semestre, mas que estão intimamente relacionados aos estudos investidos, desde o ingresso no programa de pós-graduação em artes cênicas da unb. ainda de maneira intuitiva, aspirava que o seminário avançado de pesquisa exercesse esta função inclusiva, aglutinadora e que ao mesmo tempo subsidiasse os atravessamentos necessários para estabelecer um fluxo de reciprocidades, de realimentação e complexificação entre os estudos disciplinares e as atividades singulares de pesquisa. essa prospecção de um conjunto dos trabalhos mais significativos, considerando a integralidade das atividades disciplinares e das aprazíveis e estimadas contribuições provindas da coparticipação no grupo de pesquisa poéticas do corpo, foi o formato mais honesto que poderia apresentar diante dos desmedidos esforços empregados e do volume de referências, diálogos, expansões e adensamentos decorrentes da aproximação produtora de docentes e dos discentes que integram o programa. como são salutares e impulsionadores esses atravessamentos e suas polinizações... ainda que alguns destes estudos se distanciem dos objetivos inicialmente traçados pelo projeto de pesquisa, e que outros sejam provisórios, ou temporariamente resguardados para futuros projetos, é a partir deles que hoje redimensiono, reorganizo e transformo minha própria maneira de compreender o projeto via deslocado. jamais conseguiria seguir adiante sem olhar com muito afincado, rigor e carinho pra este volume desconcertante e destabilizador de ideias, tentativas, problematizações, até como estratégia de desanuviar o pensamento para seguir com a certeza corpórea e material de ter realizado algo. opto então, por revisar e recapitular de forma cartográfica as produções concretizadas a partir das quatro disciplinas em que estive submerso ao longo deste incomum e cabuloso semestre, em sequência

cronológica: seminário avançado de pesquisa em artes cênicas; laboratório de criação em artes cênicas; culturas e saberes; e performance e educação. ainda que a apresentação considere essa mesma sequência organizacional, os escritos e os estudos não estão sob o crivo de uma mesma formatação. na medida do possível, a revisão primou por respeitar a multiplicidade e pluralidade dos formatos e dos propósitos iniciais de cada exercício. oscilando entre carta, poesias, relatos, resenhas, protocolos, inventários, ensaios visuais, notações, produções audiovisuais, sínteses teóricas e outros, com o eco propósito de elevar com fluidez as práticas da leitura e da escrita à ordem do dia, e de criar um espaço, uma ambiência propícia à criticidade e à reflexão, onde ideias e pensamentos possam coexistir e coabitar um horizonte oblíquo, ainda que contraditório. por isso também a escolha, em vários momentos, por eliminar a caixa alta, por subtrair as letras maiúsculas, por um apreço estético e um desejo incompreensível de parear e desierarquizar as palavras e os pensamentos. por fim, considero este relatório composto por duas partes distintas, complementares e indissociáveis. o relatório de pesquisa e o inventário poético e visual não existem separadamente, a escolha por expô-los desta forma pretende exclusivamente facilitar a visualização de ambos e a transmissibilidade de seus arquivos.

carta quase anônima

na primavera de 2020

prezado impreciso,

por um momento confundi você com aquele angustiado que não conseguia equacionar o tempo entre as supostas obrigações administrativas e os menores cuidados de si, subindo as escadas de alumínio pela madrugada repetidas vezes até a caixa d'água e tremendo compulsoriamente as pernas por medo de alcançar uma forma final, mesmo que provisória, do que viria a ser este projeto - via deslocado.

mas as escolhas foram feitas muito antes, e lá no fundo você, ou vocês - essas confusas variações de nós, sabemos com precisão o quanto destas escolhas são derivadas da

incompreensão do agora e na hora de nossa morte, amém. mesmo hoje, com assombro diante da força coletiva e vibrátil da vida que ecoa nessa íntima conferência de polinizadores, não sei em que medida, algum dia, ainda conseguirei dizer das coisas que, na verdade, nunca consigo dizer.

sei que continuo a buscar coragem em você, mas no atual presente só vislumbro bordas, limites a serem ultrapassados. também teve aquela tentativa frustrada no meio do caminho quando um problema indetectável rompeu a conexão entre as frequências de bilhões de ciclos do processador, minhas memórias, sua placa mãe e aquela tela retina, como se todo trabalho tivesse desaparecido em segundos, na última hora, por pura maldição. ali pairava uma forte sensação de impotência, de que todos os esforços haviam sido inúteis e fracassados, a despeito de nossas escolhas, cheguei a acreditar que não, que nada daria certo.

por mais que eu me esquive, evite olhar nossa imagem em frente ao despenhadeiro, a cada dia fica um pouco mais nítido e claro que foi justamente ali, quando alguns divisores e outros multiplicadores de água e de sentidos apontaram outros caminhos de se perder, que... o lugar então se revela cada vez mais nítido e só poderia ser esse, de onde consigo transformar as coisas com as próprias mãos. de onde ainda posso agir, mover e ser movido. sofrer despercebidas e despreziosas mortes e outras pequenas metamorfoses. transformar e ser transformado no corpo e na carne, pela carne. agora sim, sabíamos de um outro, novo e curto começo que também nos conduziria ao fim.

agora o erro emerge da conferência de polinizadores como uma oportunidade ímpar de mudar drasticamente as direções do que é fecundável. esse grande inventor, o erro e nosso velho medo de errar. talvez, justo por não mais fazer sentido, faça ainda mais sentido falar dos antigos encontros, e dos que ainda estão por vir. não pela expectativa um tanto óbvia de sistematizar ou justificar métodos, mas pela simples necessidade de revisitar e de averiguar seu fôlego na fabulação de outros conhecimentos. de produzir saberes sobre os processos inconclusos, de saber das experimentações estéticas alheias, de falar sobre as ações de atravessamento dos territórios, essa eterna defesa das responsabilidades para com as feitura e para com o fazer juntos. que afronta a lógica privada, ao menos do sensível, e que avança nos territórios do cognoscível.

enxergo com uma curiosidade sintomática esta sua necessidade de escrever, de maneira contraditoriamente solitária, sobre os encontros de outrora, como estratégia de superação do medo do isolamento criativo. quanto a isso, sinto lhe informar que na realidade pandêmica na qual me encontro, quando impera a máxima do confinamento para assegurar a mínima sobrevivência, não resta outra alternativa que não seja o desaparecimento. pelo menos por enquanto, até inventarmos formas seguras de se tocar, pegar, beijar, dançar, perceber, ler, escrever, estar e fazer verdadeiramente juntos, outra vez. assim espero.

sei que você jamais imaginaria o tamanho desta cilada. que jamais armaria engenhosa e um tanto acadêmica arapuca. você que já não mais conseguia se ver e se imaginar como pai, e que de forma alguma poderia supor esta vontade incontrolável, que imana das profundezas à superfície, de escrever sobre a mobilidade das plantas, sobre o corpo vulnerável de quem cuida diariamente da terra e do chão, que aspira cultivar aquilo que consome, ou que não tem outra opção, a não ser enterrar seus mortos com as próprias mãos.

aproveito esta generosa distância entre nós para tentar mirar a concretude, olhar o concreto e compreender que o elementar, a respiração, está tão longe e ao mesmo tempo tão perto. que o essencial para a experiência humana resulta, simples e nem tão de graça, do dejetos das fotossínteses do vegetal. e quem sabe assim olhar com potência de metamorfose também para os nossos dejetos. quem sabe cuidar de aprimorar os nossos, assim como as trajetórias dos nossos dejetos. dos nossos desprezíveis e descartáveis.

aí percebo relevante ascensão, com pronta aptidão para escavar e explicitar aquilo que no doméstico, que se faz no íntimo e se que se ignora por ser ordinário, para então, progredir e se transformar no insuportável que é deflagrado e se manifesta tão veemente no político. compactuo da ideia de dizer e transmitir do doméstico o oposto do intolerável que persiste no político. e cuidar do político como cuidamos de uma verdadeira cria no quintal. de encontrar no feminino as alternativas para os modelos e projetos que não deram certo no patriarcado. de observar com mais afinco como conduzimos e criamos a vida, inclusive a própria. como caminhávamos, até bem pouco tempo, sem tantas máscaras e apenas de mãos dadas com as nossas crianças. ou como deveríamos caminhar com e cuidar das crianças que habitam cada um de nós.

sem nos ofender, preciso confessar que hoje, quando te via deslocado, quis trocar seu nome. hoje você poderia facilmente se chamar - o jardim. ou mesmo pomar. e mesmo sem poder / querer nos reconhecer, preciso muito te agradecer. por ter privilegiado as aberturas metodológicas que fazem este projeto permanecer vivo e em movimento. por encontrar um departamento democrático, não burocrático, engajado e comprometido socialmente com o ensino público, ao ponto de reatar no meu íntimo tantos e importantes contratos com o bem estar comum. pela certeza e segurança de ser orientado por uma pesquisadora que também é artista, e que também é gestora. pela turma ávida, experiente, com conteúdo e bala na agulha, pelas amigadas que me fazem sentir tanta saudade de uma convivência que mal tivemos tempo de ter. com todos desafios e inquietações, obrigado por me trazer até aqui.

inventário de práticas corporais diárias e obrigatoriamente não obrigatórias

ou pequeno manual pessoal, mas transferível em alguma escala, de práticas quase insignificantes para resistir e suportar a distopia e a disrupção pandêmicas

escutar mais

tornar os maiores assim como os menores, senhores do tempo

reconquistar a confiança dos pássaros

encarar de frente e com respeito o alimento vivo

dedicar tempo para cultivar e preparar os alimentos

cuidar dos caminhos

modificar as pedras dos caminhos

coletar frutos e sementes nos caminhos

coletar os resíduos sólidos abandonados no caminho

escutar mais

perceber e combater a fome e a sede dos pássaros

despir o corpo ao sol

despir o corpo e abrir os orifícios em direção ao sol

perceber e acolher o calor da luz do sol a penetrar pelo corpo

despir o corpo e abrir os orifícios em direção à lua

perceber e acolher a brisa e o brilho da luz da lua a penetrar os orifícios

performar os arquivos

compreender e não refutar a rebelião dos arquivos

reconhecer sua trajetória na observação dos arquivos

observar a trajetória trilhada pelos próprios arquivos

deixar os arquivos trilharem seus próprios caminhos

deixar-se guiar pelos arquivos

cultivar a horizontalização das palavras, das ideias e dos pensamentos

garimpar, resgatar e reindexar palavras à beira do precipício

garimpar e desviar canções da curva do esquecimento

escutar canções que nunca mais foram ouvidas

salvar palavras e canções e escutar mais

escutar os silêncios

escutar palavras e vozes silenciadas

conversar sobre coisas inconversáveis

falar palavras proibidas
falar do proibido pelas palavras
decolinizar ideias e pensamentos próprios
decolinizar a propriedade intelectual dos pensamentos
decolonizar biografias de outrem
decolonizar bibliografias como quem decolonializa a si mesmo
decolonizar referenciais bibliográficos
aumentar a umidade do ambiente e respirar profundo
limpar os telhados e inalar folhas verdes de eucalipto
reconduzir as telhas quebradas e esperar a chuva cair
indexar o canto dos pássaros
agradecer e alimentar raízes frutíferas
abrir passagem para que a luz do sol toque o coração de todo vegetal
desobstruir os veios das águas
irrigar jardins noturnos
produzir o próprio alimento
elevar um pouco de sorriso aos olhos
olhar como quem abraça uma criança
olhar como quem aperta a mão de um maior
cultivar e alimentar pequenos devaneios
juntar as mãos em pensamento. caminhar de mãos dadas em pensamento

monitorar e solidarizar-se com amizades geograficamente distantes
dependurar o corpo todos os dias e respirar profundo
dependurar o corpo de manhã e de noite
hidratar o chão, molhar a horta
abrir caminhos de irrigação
tomar banhos noturnos ao ar livre
observar e favorecer a realização dos desejos dos jabutis
compreender e facilitar o sentido do crescimento dos vegetais
viajar e trasladar sementes possíveis
amar e conversar honestamente com os animais
recolher as folhas secas e juntar nos pés das árvores
introduzir aromáticas nos hábitos alimentares
agricultar flores que alimentam pássaros
prover água fresca aos polinizadores
farejar amizades adormecidas
ceder lugares de fala
imprimir mobilidade e dancidade aos lugares de fala
desacomodar e reorganizar os lugares de fala
lutar pela governabilidade transmatriarcal
transparecer para ser pai e ser mãe
compreender e atenuar as dores do outro e escutar mais...

como tem sido difícil ficar de pé. só me resta deixar ser tocado pela água do poço na luz da manhã e fazer o olhar cair das alturas que me assombam. construir ou sustentar alguma verticalidade tem sido uma luta muito dolorida e permanente. mantenho um esforço diário de descompressão dos poucos espaços intervertebrais próximos à região do sacro e que incidem sobre a mobilidade ilíaca e dos acetábulos, principalmente o esquerdo. escrita deitada, esta resenha talvez se torne um relato de como me sinto incapaz de produzir uma resenha sobre as sínteses de gonçalo. persegui sua literatura e seus ligeiros escritos por anos, como quem persiste, sem medo das frustrações, em buscar o inalcançável. não deixa de ser curioso que a primeira referência, o primeiro contato tenha caído de paraquedas, de maneira improvável, numa situação de memórias difusas e distorcidas. tinha acabado de dançar o perfume em salvador para poucas e importantes pessoas (importantes sobretudo para mim mesmo). havia perdido o controle, não estava entendendo muito bem o que acontecia. era setembro, primavera de 2012, quando algum dos nossos convidados me apresentou a um senhor grisalho muito simpático, professor de literatura da universidade federal da bahia. que subitamente interceptou o diálogo dizendo que precisava me presentear com um texto que me faria muito sentido, de um jovem escritor angolês, também professor em lisboa, intitulado “arquitetura, natureza e amor”. perfume para argamassa foi uma intervenção urbana que fusionava dança e projeção de imagens no interesse de friccionar a linearidade das formas arquitetônicas com a organicidade das formas botânicas. outro dado estranho, é que a intervenção aconteceu num lugar que havia conhecido e escolhido há 12 anos, em março de 2000. nessa ocasião, não me lembro bem porque, resolvi descer as escadas da antiga casa de oração de jesuítas e, ao conhecer as salas do subsolo, não resisti a emissão de um pensamento em voz alta: quero e ainda vou dançar nesse lugar. a reforma muito bem cuidada manteve vestígios e rastros da construção original e expunha as camadas estruturais como vísceras que a mim, não só tornavam o espaço mais aconchegante, interessante e performativo, mas exigiam uma atitude de respeito com a história e a memória das coisas e dos lugares. enfim, não foi fácil encontrar o texto indicado, mas de fato a implicação ética demandada por gonçalo ao pensamento arquitetônico, reafirmava e fortalecia os impulsos que

me levaram ao perfume, e até hoje influência na minha escolha pelo desmedido, pelo descabido, pelo imensurável e o desconhecido, que o autor aproxima de maneira magistral ao nosso desajustado conceito de natureza. daí comecei a importar as edições de bolso das biografias ficcionais publicadas pela casa da palavra, e durante muitos anos elegi “o senhor swendenborg e as investigações geométricas” como a principal síntese filosófica das investigações feitas no corpo sobre as imbricações espaço temporais. mas foi no “livro da dança” (segunda edição), que encontrei a imagem sobre a qual me debrucei com maior afinco, e por consequência nomeou a performance audiovisual “deitar o sal” (2014/2016). no livro, gonçalo sugeria o seguinte disparador: “deitar sal na própria CARNE e oferecer-se ao banquete”. propus então que o exercício fosse especificamente deitar o sal na carne humana para que o banquete fosse oferecido aos controversos urubus, os nobres cavaleiros noturnos. num esforço claro de desprezo ao antropocentrismo humano e de empatia aos animais de abate, em especial aos que resistem e sobrevivem aos usos predatórios da terra do boi, mas isso pertence a uma outra história. seguindo esta ideia de empatia a tudo que se localiza numa esfera de outridade que escolho, não sem titubear, sete entre as diversas, desconcertantes e desestabilizadoras sínteses que “compõe o atlas do corpo e da imaginação” e que agora me proponho aproximar e destacar, já que ainda não me aventuro, e nem sinto necessárias quaisquer tipos de explicação ou de justificativa diante do impacto que uma leitura simples e atenta pode evocar ou mesmo acionar.



AUTORES E AUTORAS

Graça Veloso

Ada Luana Rodrigues de Almeida

Adailson Costa dos Santos

Adriana Ferreira Coelho Lodi

Barbara Duarte Benatti

Belister Rocha Paulino

Danilo Henrique Faria Mota

Débora Cristina Sales da Cruz Vieira

Gabriel Coelho Mendonça

kleber damaso bueno

Liubliana Silva Moreira Siqueira

Luciana Maria Rodrigues Gresta

Maria Oliveira Villar de Queiroz



Este livro foi patrocinado pela Chamada Simplificada 02/2020 de Apoio à produção, revisão, tradução, editoração, confecção e publicação de conteúdos científico-acadêmicos e de divulgação das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA - ADRIANA FERREIRA COELHO LODI - BARBARA

MARIA VILLAR DE QUEIROZ

LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA

DUARTE BENATTI - BELISTER ROCHA PAULINO - DANILLO HENRIQUE FARIA MOTA

GABRIEL MENDONÇA - KLEBER DAMASO BUENO

DEBORA C



ISBN: 978-65-88507-12-4



CDL

6 9786588507124